

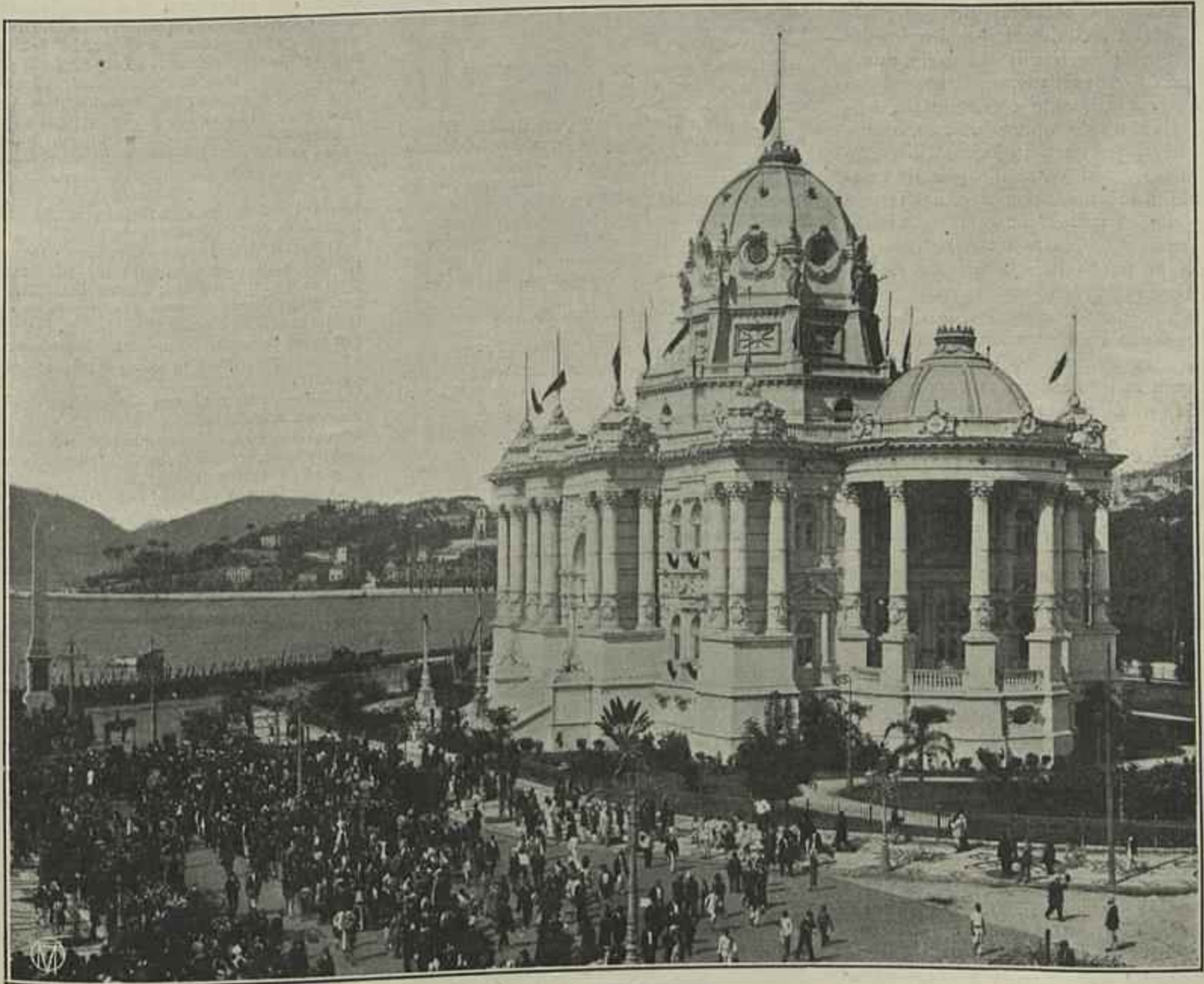
# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

|  |         |         |        |         |                                  |  |
|--|---------|---------|--------|---------|----------------------------------|--|
| Preços de assignatura                  | Anno    | Semest. | Trim.  | N.º     | 37.º Anno—XXXVII Volume—N.º 1290 | Redacção — Atelier de gravura — Administração<br>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus,<br>Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial<br>Praça dos Restauradores, 24 |
|  | 36 n.ºs | 18 n.ºs | 6 n.ºs | entrega |                                  |  |
| Portugal (franco de porte) m. forte... | 3\$800  | 1\$900  | 3050   | \$120   | <b>30 de Outubro de 1914</b>     | Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.  |
| Possessões ultramarinas (idem) .....   | 4\$000  | 2\$000  | —      | —       |                                  |  |
| Estrangeiro e India.....               | 5\$000  | 2\$500  | —      | —       |                                  |  |

## BRASIL-MODERNO



PALACIO DE MONROE

Construido expressamente para as recepções festivas que se projectavam realisar, quando D. Carlos fosse em digressão até ás terras de Santa Cruz, foi agora convertido em Camara de Deputados, substituindo um antigo edificio que já não oferecia condições de segurança.



## CRONICA OCCIDENTAL

Exuberante de acontecimentos — por certo foi a semana finda. Impõe-nos o dever de cronista, mostral-os convenientemente á luz fria do escalpelo que é neste caso a nossa pluma cortante e lucida como um diamante negro...

Todavia, as dificuldades surgem inúmeras e varias ante a resolução e vemo-nos obrigado a sustal-a de pronto, enredando e enleando os acontecimentos sem tocá-lhes de leve sequer.

Correlacionam-se estreitamente e todos sintomatizam o momento — desgraça, desatino, desvario. Decrepitude de raça — pôde ser; entanto, aqueles que mais a verberam, ainda mais se deixam colher por ela irremediavelmente.

Acima de outros — um facto alicia a nossa atenção.

Os monarquistas tentaram um movimento de ataque contra o regimen vigente. Nós não queremos comprometer aqui a nossa opinião sobre o facto em dia. Longe dele, afastados dos meandros falsos em que se desenvolveu pouco a pouco, só podemos avalial-o pela sua realisação. Nada mais. E assim reconhecemo-nos mero espectador, esteta, cerebrino, literario, duma peça que foi, na verdade, um desconchavo de scenas. Facilmente conseguiriam dar-lhe compostura de opera-bufa, se o momento não fôsse de todo improprio e não houvesse por ahí entre oiropéis de contrabando, á mistura, arcabuzes, cunhetes e sangue em efusão genuinamente nacional. Não queremos demorar a atenção sobre o instante preferido para a eclosão da revolta. Bom? Mau? Não sabemos.

Inclinamo-nos a classificar-o de mau, visto que não foi de victoria plena. — Os republicanos apodam-no em bravatas de efeito com mil razões e mais uma que lhes concede o direito da força — e tanto basta...

O que é certo é que as represalias, mais ou menos, não se fazem esperar, aceitáveis plausivelmente em boa logica, orientadas segundo as tendencias da natureza humana.

Esse movimento de reacção resolveu-se a breve trecho, sem honra nem gloria, num desastre.

Para um mero observador, que timbre de impassível, sómente por esse resultado, mereceria desaprovacão peremptoria. Exposto á luz ficticia das gambiarras, o pequenino drama, cujo desenrôlo revelou exclusivamente ineptia e timidês, arrastaria ao recolher um rabo-leva longo de apupo e surriada. Na realidade, o drama transfigura-se e desdobra-se — tragedia salpicada de lama, comedia salpicada de sangue...

Os republicanos apuzeram-lhe um substituto, odioso e comico, ao mesmo tempo — intentona monarchica.

E' verdade, e enerva e entristece fazer, nest'hora, tal asserto — aventura desgraçada, não houve rasgo de intelligencia, nem gesto de nobreza, que vinculassem nas almas indiferentes admiracão ou respeito simples.

A' ultima hora, tolhidos de cobardia, os trunfos da campanha meteram-se tranquilamente a copas — enquanto pobres-diabos, baldos e varios, se entregavam sem resistencia, a espadas...

Não falámos da legitimidade da revolta.

Não discernimos causas que movessem á eclosão. Tambem, não sabemos de nomes que marcassem responsabilidades nas guerrilhas deste mês.

Simplesmente — ai de nós! ai deles! — ouvimos e vimos que ficaram estatelados e enleados nas rédes do sr. Eloy, homunculos humilimos, sem categoria nem culpa, abandonados...

Tristeza!

ANTONIO COBEIRA.



## Finalidade da Educação

A moral não comporta descobertas. Além disto, ha milhares de anos que os moralistas nos clamam — não mates! não roubes! — e ainda hoje o homem continúa a assassinar e a roubar o seu semelhante. E se dizem que a instrução sem a educação moralisante produz monstros, Buckle vivamente retorque que tambem a educação sem a instrução esclarecedora os determina. Aponta exemplos. Heliogabalo e Comodo que eram abaixo de toda a consideração moral, não guerrearam o cristianismo nascente, nem contra ele adoptaram a mais simples disposição. Marco-Aurelio que era duma benevolencia e honestidade inabalaveis, não se absteve de promover a perseguição aos novos crentes; a superstição moral obsecava-o e excitou-o. Os inquisidores hespanhoes que eram, na verdade, quasi sempre, na vida publica e privada, probos e escrupulosos, promoveram a mais horrenda carnificina de que nos fala a historia; o fanatismo moral movia-os em desvaio.

Tal nos diz Henrique Tomás Buckle. E' facil ser severo com a sua teoria. Sem duvida, Marco-Aurelio quando perseguiu e os inquisidores quando vitimavam, não faziam profissão duma elevada moral. Nem Marco-Aurelio era, no momento, virtuoso, nem os inquisidores eram cristãos. A *soidisant* moral que no momento efectivavam, não era esse corpo de doutrina universal que desde as primitividades remotas da civilisação se formulou.

Portanto, se havia superstição, ou fanatismo, moral não havia neles...

Não é, porém, sobre este ponto que nós queremos incidir a nossa atenção. Ha diferenca nitida entre o elemento moral e o elemento intelectual que Buckle — parece — não distinguiu bem. As respectivas formas de progresso são diferentes, por consequencia.

A moral permanece intacta através dos tempos. E' certo. Mas, em moral, o progresso não consiste numa tesaurisação de doutrinas, mas na irradiação das doutrinas existentes. Na sciencia, pelo contrario, o progresso consiste numa accumulacão e encadeiamento de noções. O progresso scientifico pode fazer-se sem a acquiescencia e consciencia das maiorias. Na moral, o progresso segue a vulgarisação crescente do seu corpo de doutrinas.

E assim, o progresso moral existe — morosissimo actua sempre. A historia da humanidade claramente o documenta. A moral foi libertando-se, aos poucos, dos circulos estreitos, impostos pela sociedade primitiva, da tribu ou raça, até abranger num vasto e unico abraço toda a humanidade. Out'ora, o extranho á tribu era cordealmente odiado e desprezado com ignominia. Actualmente, certas tribus de Africa, ainda num lamentavel estado de barbarie, concideram-se arrogantemente o fino escol da sua especie. As proprias religiões eram nacionalistas ou regionalistas. O mazdeismo, o brahmanismo, o judaismo pertenciam de direito e exclusivamente ás respectivas castas. A catolicisação das religiões — budhismo, cristianismo, mahometismo — revelam já um altissimo progresso moral. E desde que se reconheça que o mal moral tem diminuido, logicamente se deduz a existencia do progresso.

Outras objecções surgem. Diz o anexam: «De pequenino se torce o pepino.» Mas tambem o povo diz numa *contre-partie* desanimadora: «O que o berço dá a tumba o leva.» Rousseau reconhece no individuo uma grande parte que a educação não domina nem conforma. Cada individuo tem o seu natural, uma constitução original, fisica e psiquica, ante a qual o melhor processo educativo estaca impossibilitado. E' certo. Mas o educador, não possuindo a magia de assimilar á sua vontade, o individuo que educa, não tem a pretencão audaciosa de exercer a sua activi-

dade num dominio vasto que está eternamente distante da sua esfera de influencia. Não cria faculdades novas. Obedece incondicionalmente ás leis prescritas pela natureza.

Galton sentiu bem o poder imperiosissimo e invensível que a hereditariedade impõe á formacão e desenvolvimento do elemento psiquico.

Os criminalistas italianos puzeram bem em relevo as tendencias irreductiveis do criminoso-nato.

Mas o exagero esfervilha. A classificação desses tipos monstruosos de delinquente é ainda hesitante e duvidosa. Muitas vezes se aponta como crimino-nato, o mero criminoso de occasião que uma higiene educativa levaria a resguardo e abrigo.

Todavia, esse tipo de delinquente existe. Sim. Não pertence, porém, á escola; pertence de direito ao manicómio. Não pertence á psicologia; pertence á psiquiatria. A estatistica demonstra que neste seculo de progresso e civilisação de requinte, o numero dos suicidios e dos deltos tem augmentado desoladoramente.

Será este um motivo digno para arvorar o lábaro de Brunetière? A sciencia faliu?... A educação é impossivel?... Não. E' absurdo exigir da sciencia mais do que ela pretende e pôde dar-nos e é injusto acusar a educação duma falta que não é sua.

A sciencia, se nasceu duma necessidade moral do homem, não corresponde a um fim moral. Tanto pôde armar a mão do assassino como a do heroe.

Ha pouco, vimos como o progresso moral é morosissimo. E nas primeiras paginas da nossa dissertação, verificámos bem como a educação, apesar do brilho e espalhafato espantoso das teorias que a cingem, é ainda, na sua prática, tristemente rudimentar. Instruir não é educar? Talvez. Mas a boa instrucção será educação tambem. Do mesmo modo, a logica pôde levar ao erro; mas a boa logica conduz sempre á verdade.

Blaise Pascal — o extraordinario e doloroso genio ante o qual nos prostramos em reverencia que chega quasi á adoracão — diz: «*Travaillons donc à bien penser: voilà le principe de la morale.*» Tal é a divisa na nossa tese. Somos absolutamente concordes com ele.

O maior mal de que enfermam os nossos estabelecimentos de ensino é este — não correspondem ao seu fim preciso: não ensinam a bem pensar. Dizem que o progresso humano não pôde medir-se apenas pelas descobertas e invenções, por mais fecundas e engenhosas que sejam, mas sim pela resultante dos dois factores: coração e cérebro.

Mas — caros senhores — a cultura do coração reduz-se á cultura do cérebro. E' quasi irrisorio acentual-o; — a não ser que pretendam reconhecer no coração a séde duma intelligencia especial, como os filosofos primitivos.

A verdadeira educação transforma as noções adquiridas em ideias-forças. De que valeria ensinar, se os conhecimentos vogassem á superficie da intelligencia — se a massa pensante os não fundisse e assimilasse á sua natureza íntima? De que valeria o pensamento, sem a applicação e utilisacão imediata.

Chegados a este ponto, recordamo-nos duma frase, por nós já dita, que nos anda a empecilhar os bicos da pena. Dissemos nós: o progresso consiste precisamente na coordenação, pela intelligencia, do egoismo, ou antes, na sua successiva e melhor acomodação.

A frase merece reparo e pôde ter interpretação duvidosa. Mais uma vez se prova que a cambiante subtil do pensamento difficilmente pôde ser expressada pelo contorno fixo e firme da palavra.

Mais uma vez se prova que a linguagem só serve para encobrir o proprio pensamento — como dizia De Bonald.

E' que nós acreditamos ardentemente no progresso moral. Para nós, todas as paixões más provêm desse egoismo mal orientado, cego, instintivo barbaro — como miasmas duma boca venenosa, mal cerrada.

A educação é o factor mais decidido desse progresso.

O processo educativo, se tem como preciso e estricto meio, a psicologia, tem como objectivo ultimo, a moral. E assim terminamos, evocando suavemente a maxima suprema do livro bem-amado: *Das la même seulement où les hommes vivent sous la conduite de la Raison ils concordent toujours necessairement de nature.*

(E'thique — Spinoza. Thior. XXXV, trad de Lantzenberger, ed. Flammarion, pag. 248.)





TRIPTICO DO MUSEU DE LISBOA

*Representa D. Affonso V, e seus filhos, em adoração,  
deante das imagens da rainha S. Isabel e primogenito João.*

## Coração febril...



AS ondas verdes-claras, do arvoredo,  
Como num mar de esmeraldinas vagas,  
O vento canta em sinfonias magas,  
E ao longe os écos falam em segredo...

Espirito do vento, que divagas  
Pelas florestas líricas... a medo...  
Regressa á tua paz! Ah! tarde ou cedo  
Tu canças sempre e já ninguém afagas!

Homens que flutuais, sonhando a Vida,  
Regressai a certeza indefenida,  
Á doce quietação do amor sereno.

Ah! não canceis o coração febril!  
Vaidade de lutar!... Ha um abril  
Na Vida — este momento tão pequeno!...

Lisboa

Marlo Pacheco.



## Folhas soltas

## Um bom livro

Mais uma vez acabo de passar pela vista uma obra portugueza, que aconselho a todos, que amam a nossa terra, a lerem-na com a maxima attenção.

Refiro-me ao antigo livro de D. Antonio da Costa, *No Minho*.

Ignoro se o livro está ou não esgotado, mas de cada vez que o leio, lembro-me sempre de aconselhar a sua leitura.

Como o nome indica, é uma viagem feita pelo auctor á nossa encantadora provincia do Minho. E' claro, ao tempo que o livro foi escripto, muitas coisas mudaram, mas n'esta linda joia litteraria ficou o estylo do escriptor, pois D. Antonio da Costa foi uma brilhante penna de estylista.

Quando lemos as obras de D. Antonio da Costa, que não são muitas, cada pagina obriga-nos a pensar e a saborear todos aquelles periodos, todas aquellas phrases buriladas e traçadas por mão de mestre.

Ha capitulos que são verdadeiras obras primas de concepção. O poder descriptivo é d'um realismo extraordinario, e cada pensamento, é lançado com uma espontaneidade maravilhosa. Eis alguns pensamentos extrahidos d'alguns dos seus capitulos:

«Assim como os milhões de rostos humanos formados de poucas feições são todos differentes, assim os quadros da natureza compostos de pouquissimos elementos diversificam até ao infinito, e combinados em cada localidade, representam uma impressão geral.» (Pag. 11).

«Quando a alma se acha presa do sentimento que a arte lhe inspira, affaz-se ao bello, e não se pôde desprender d'ella.» (Pag. 61).



Busto do actôr Taborda

No dia 24 deste mês, realisou-se, no Jardim da Estrela, a inauguração do busto do actôr Taborda — que é um trabalho impressionante do esculptor Costa Mota Sobrinho, encomendado ha tempos por uma comissão composta dos srs. Eloy de Jesus, Leopoldo de Carvalho, José Antonio do Vale e Carlos Posser.

«Eu subi ao Vesuvio, e de lá admirei um oceano de cinzas; subi parte do monte Branco, e vi um oceano de neve; fui, na ilha de Ischia, ao alto elevadissimo ponto do *Epomea*, e enfeiteçaram-se-me os olhos com as impressões napolitanas; embaleime no lago de Genebra, ao qual Chateaubriand agradecia o ter podido lavar com lagrimas as saudades da patria; atravessai

os Pyreneos ao raiar de uma alvorada em que as nevoas cor de rosa se abriam como cortinas para no-l'os mostrar; vi os Alpes phantasticos; vi os Appeninos encantadores; mas esta belleza do Alto do Bom Jesus do Monte produz-me a impressão mais viva de quantas a minha alma sentiu.» (Pag. 101).

«E' a hora da saudade.

Da saudade: sorriso formado de lagrimas. Assim passámos muito tempo ali, muito.» (Pag. 105).

«Differem nas modas de trajo as mulheres do Minho, só não differem no character. São muitos, são differentes, conforme os districtos e as localidades; são todas uma na essencia. O character, a essencia da minhota é o trabalho.

A primeira minhota que me surpreendeu foi uma lavradeira da freguezia de Deuchriste. Era alta, entre branca e morena. Além de elegante, esbelta. Não sei o que ella tinha no elevado d'aquella cabeça e no timbre d'aquella voz; olhos grandes e vivos, d'estes de olhar tão fundo que não olham só, que fixam, e, quando fixam, fallam e impõem.» (Pag. 233).

«Os campos encerram tudo. Que poesia não resae das diversas estações, e como se não entranha gradualmente na organização a bondade semeando a candura, a sympathica placidez, a innocencia, o amor, pondo assim de accordo a alma com a natureza, de cuja harmonia o espirito humano anda tão erradio, e por isso tão materializado.» (Pag. 286).

Eis alguns fragmentos do livro, colhidos a esmo. E' uma obra que não se pôde ler apenas uma vez, tal é o encanto que d'ella deriva.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

## PELO MUNDO FÓRA

Perdura ainda a impressão causada pela rendição de *Antuerpia*, perante o ataque formidavel do exercito do *Kaiser*. A praça estava completamente evacuada pelas forças anglo-belgas, quando os allemães, ao som de musicas marciaes, fizeram a sua entrada atravez dos fortes e das ruas desmanteladas. Para se poder formar uma ideia do que foi esse formidavel cerco, unico na historia, em que uma praça como *Antuerpia*, tida por inexpugnavel, cahiu ás mãos inimigas dentro de poucos dias, e do estado de destruição em que a cidade se encontra, basta dizer que durante o ultimo dia das operações os *Zeppelins* lançaram cêrca de 140 bombas sobre seus edificios monumentaes. O general *von Beseler* dirigiu aos habitantes esta proclamação: «*Habitantes de Antuerpia*. — O exercito allemão entra na vossa cidade como conquistador. Nenhum habitante será incommodado e as propriedades respeitadas se não houver qualquer tentativa hostil, pois nesse caso a punição seguir-se-ha immediatamente, segundo as leis da guerra, podendo occasionar a destruição da vossa bella cidade.»

O exito do ataque allemão é devido ao gigantesco poder dos famosos morteiros 42 combinado com o auxilio dos *Zeppelins*. Os allemães collocaram esses celebres morteiros nos pontos em que os belgas tinham disposto as baterias de grosso calibre ao defender o recinto exterior da praça. Affirma-se que esses pontos haviam sido antecipadamente preparados por industrias allemães, proprietarios de fabricas instaladas nos arredores da cidade.

As auctoridades britannicas ficaram impressionadas com tal suspeita — procederam a investigações nos estabelecimentos allemães situados nos arrabaldes de Londres. Descobriram que o teto das principais construcções é plano e dominam uma grande extensão do sudoeste de Londres. Toda a obra d'alvenaria é de cimento armado e as paredes e tectos são de grande espessura. Esta disposição podia muito bem servir para a collocação dos famosos morteiros num caso de invasão. Não é tambem inverosimil uma tentativa de invasão

aerea por meio dos *Zeppelins*, embora seja grande a distancia a percorrer. Um critico inglêz disse: *A verdade é que estes monstros Krupp tem sido a principal revelação, bem como a principal lição da guerra actual.* Um official belga disse: *O auxilio da Inglaterra veio muito tarde, mas mesmo que tivesse chegado mais cedo, nós teriamos sido incapazes de salvar a cidade. Nenhum fortes do mundo, excepto talvez algumas das modernas fortificações da fronteira a este da França, podem resistir aos canhões allemães.*

Falando ainda dos *Zeppelins*, diremos que um aviador instructor belga, encarregado de organizar a defesa de Londres, affirmou que considerava diffissilima a defesa contra os *Zeppelins*, baseando-se na experiencia adquirida em *Antuerpia*. De todas as vezes que esses dirigiveis voaram sobre aquella cidade, lançando bombas, foi impossivel attingi-los porque, mal eram descobertos por algum projector, immediatamente se elevavam a 1:500 metros,



desapparecendo da vista, para de novo tomar outra direcção. Os tiros de canhão disparados contra os *Zeppelins* quando voavam a menor altura, vinham cair sobre a cidade, causando-lhe maior damno do que ao dirigível visado.

E' igualmente infructifero o ataque dos *Zeppelins* pelos aeroplanos. O seu armamento — metralhadoras na barquinha da frente, na da rectaguarda e sobre o corpo do dirigível — é tão forte, e tão grande a sua superioridade sob o ponto de vista da estabilidade para os effeitos de pontaria, e sob o ponto de vista de efficacia pela sua tripulação que excede trinta pessoas — que a approximação dos aeroplanos é, senão impossivel, mais do que problematica.

De facto, até hoje, nenhum dirigível foi destruido por aeroplanos. Se, a estas considerações, adicionarmos o facto de os ataques dos *Zeppelins* serem sempre nocturnos e, portanto, realizados em circumstancias em que os aeroplanos estão quasi impossibilitados de manobrar, e, num vôo contra um *Zeppelin*, sempre arriscados a serem atingidos pelos disparos dirigidos ao acaso sobre o dirigível, vemos que a opinião do aviador belga, dictada pela sua longa experiencia, deve considerar-se como bem fundada.

Supprimido o ruido do motor e das helices — o unico elemento de persepção da proximidade d'um *Zeppelin* — ei-lo transformado numa arma terrivel e quasi inatacavel.

Ora é justamente esta innovação que o conde de *Zeppelin* acaba de introduzir no seu dirigível, segundo elle proprio affirmou ha pouco quando em *Essen* lhe perguntaram se se esquecera dos ingleses, que receiam a visita nocturna d'essas phantasticas machinas de guerra.

Os projecteis lançados pelos *Zeppelins*, que, antes de os deixar cair, procuram descobrir e localizar bem o alvo com o auxilio dos seus poderosos projectores, são de um effeito terrivel.

Em *Ostende*, uma bomba lançada sobre o Bois de Boulogne abriu um buraco de 10 metros de diametro e 5 de profundidade, e os destroços causados nas casas e gares de Antuerpia e Ostende attestam a violencia d'essas explosões.

Sobre o novissimo canhão *Brummer* de 24 centímetros, ouçamos o jornalista allemão *Carlos Eissenach*: «O nosso famoso canhão não é um morteiro propriamente dito, mas sim um obús, ou seja uma arma de precisão, como nunca o podem ser os morteiros. Este maravilhoso engenho de guerra pôde servir para dois usos: como canhão de tiro recto e como obús

(que é como geralmente se emprega) de tiro curvo.

«No primeiro caso, um systema de tubos supplementares, que se acham juntos ao principal, permite dar a este uma longitude de 21 metros.

«Um verdadeiro canhão monstro como não puderam sonha-lo Julio Verne e Ch. Wells!

«O alcance do tiro a alvo certo é, neste caso, de 30 kilometros, e a tiro incerto, de 40 kilometros.

«O alcance do obús, com seu angulo de tiro de 40 graus, é só de 14 kilometros.

«O peso da carga de polvora é de 850 kilos; o do obús (projectil), 950 kilos exactos, e não 900, como diz a imprensa francêsa. O comprimento do projectil ascende a um metro e vinte centímetros sómente.

«A peça pôde effectuar um disparo cada dez minutos, e a duração total do canhão não excede a 120 tiros, que se dão electricamente.

«Antes de disparar e attendendo a que a explosão não pôde ser supportada sem a completa certeza de se morrer asphixiado pela conflagração dos 850 kilos de polvora, os serventes da peça afastam-se a mais de 500 metros em automovel.

«A collocação em baterias d'este monstro de aço necessita uma base morteiro jogado recoberto de placas metallicas. Para deixar uma d'essas peças em posição, são precisas 24 horas e 250 homens.

«A peça vae montada sobre uma via,

systema *Decauville*, e, já posta sobre os *rails*, são precisos uns 400 cavallos para a mover.

«O tiro acha-se assegurado por peças auxiliares de 14 centim. O preço do disparo é de 30:000 marcos, e o do canhão assende á colossal cifra de dois milhões de marcos, ou seja o preço de um par de torpedeiros de alto mar.»

A Allemanha possui actualmente tres baterias de duas peças d'estes novos *Leviathans* da guerra,

Effectivos muito importantes e cuidadosamente escolhidos entre os melhores soldados estão encarregados da guarda d'estes canhões, de modo que jamais haja o risco de serem capturados pelo inimigo no curso d'uma batalha desastrada.

Depois da tomada de Antuerpia, os allemães atacaram *Lille*, que cahiu em seu poder. Esta cidade — a *Insula* dos latinos, é a capital do departamento do Norte, a 247 km. de Paris, e tem 216:000 hab. Tem restos de muralhas da Edade Media. Possui muitas egrejas, algumas das quaes datam do seculo xv.

Entre os monumentos mais notaveis, mencionam-se uma columna commemorativa do cerco de 1792, durante a primeira campanha da Revolução, e um arco triumphal, rememorando a conquista de Flandres, e que foi erigido em 1682 em honra de Luiz XIV.

O nome de *Lille* provém d'uma aldeia, cercada d'agua, onde existia um castello, que datava dos ultimos seculos da dominação romana. Pertencia aos condes de Flandres; em 1054 cahiu nas mãos de Henrique III, mas foi-lhe retomada. Foi tomada em 1667 por Luiz XIV, que a mandou fortificar por *Vauban*.

Em todos os cercos distinguuiu-se o celebre corpo de artilheiros de *Lille*, fundado em 1483, e que guarda os seus tropheus num museu. A cidade soffreu tres cercos notaveis: — 1667, 1708 e 1792. Este foi o mais importante, por nelle terem participado as mulheres e as crianças.

O governo da Belgica transferiu-se para o *Havre*, onde funciona com as mesmas prerogativas como se estivesse em territorio belga. O rei Alberto, porém, continua á frente das suas tropas.

Os allemães retrocedem lentamente perante as forças franco-anglo-belgas, auxiliadas pelas tropas da *India* e da *Argelia* que se batem com denodo.

Os russos teem conti-



JULIO ROCA

Ex-Presidente da Republica Argentina





MULHERES BELGAS DISTRIBUINDO FRUTA PELOS SOLDADOS, NAS TRINCHEIRAS, PRÉSTO DE ANTWERP.

nuado a sua mobilização; atacando agora furiosamente o exercito allemão, que havia avançado até Varsovia. O cerco de *Przemysl* continua com toda a furia. Nas margens do *San* tem-se dado combates encarniçados, sendo baldadas as tentativas da Austria para envolver a ala esquerda russa.

As tropas servio-montenegrinas atacam *Sarajevo*, a capital da Bosnia.

Os allemães lutam desesperadamente para se apossarem de Dunkerque e Callais. A Turquia manifesta-se pela Allemanha. *Enver Pachá*, ministro da guerra,



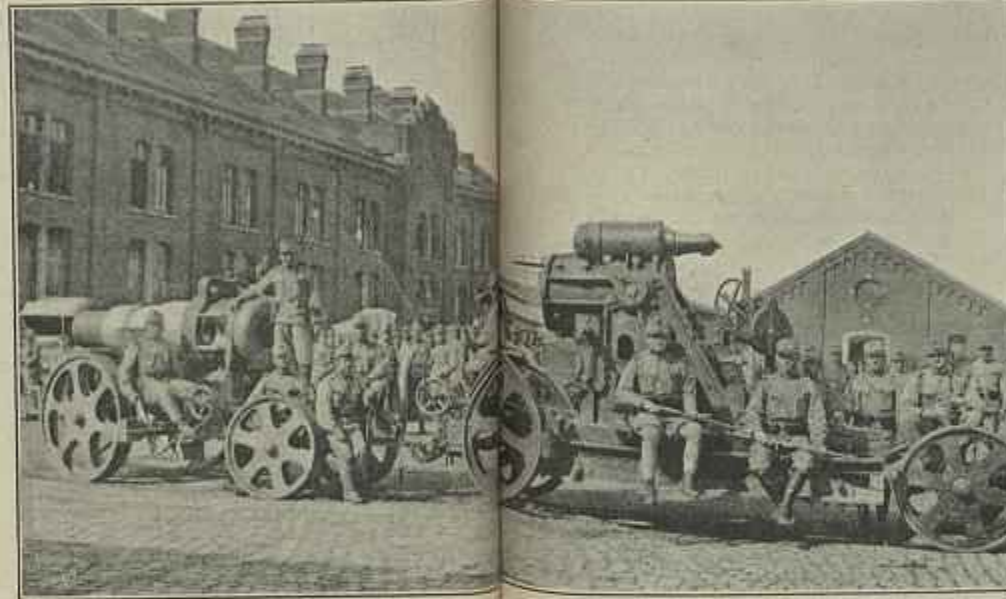
MONOPLANO PERSEGUIDO PELA ARTILHARIA INDÍGENA

## Conflagração Europeia

esforça-se nesse sentido, mas os círculos officiaes turcos hesitam em entrar na guerra, por verem que a Grecia já mobilizou, e recearem que a Bulgaria recupere Adrianopla.

No Mar do Norte tem ido a pique alguns contra-torpedeiros allemães. A França conta mais um *super-dreadnought*, o *Normandie*, de 25:200 toneladas, 175 metros de comprimento e 27 de largura; 38:000 cavallos e 21 nós; 12 canhões de 340 millímetros em tres torres, 24 de 140 millímetros; 6 tubos lança-torpedos submarinos.

A esquadra austriaca tenta romper o bloqueio de *Cattaro*, para fugir ao fogo dos canhões montenegrinos e franceses, que occupam



ARTILHARIA PESADA DE CALIBRE MÁXIMO

boas posições nos montes *Loeven*, mas, perseguida pela esquadra anglo-francésa, é obrigada a retroceder.

O cruzador japonês *Takachiko* foi a pique na bahia de *Kiao-Tchen*, por ter batido numa mina submarina.

A Inglaterra tem recebido caloroso apoio de todas as suas colonias. Apenas na Africa do Sul se regista a rebelião do tenente-coronel *Maritz*, partidario dos allemães.

Os allemães passaram o *Yser*. Entre o *Nieuport* e o *Lys* está travada grande batalha. Os alliados progredem a norte e oeste de *Soissons* e na região de *Craonne*. A sua artilharia occupa bellas posições no *Woivre*.

D'entre os homens notaveis, que a morte tem arrebatado durante a conflagração europea, deve destacar-se o *Marquês de San Giuliano*, ministro dos negocios estrangeiros de Italia, que entrou para o gabinete *Giolitti* em substituição do sr. *Tittoni*. O illustre estadista, que falleceu apoz a recitação pedida de alguns tercetos do grande epico *Dante*, cuja obra admirara apaixonadamente, nasceu em *Catania*, na afamada região dos abalos de terra. O *Palazzo Giuliano*, seu

berço, remonta ao tempo dos *Cruzados*. Foi deputado em 1882 e senador em 1903; ministro dos correios e telegraphos em 1880 e dos negocios estrangeiros em 1905 e 1906. Depois foi embaixador em Londres, e em 1911 novamente ministro dos estrangeiros, sendo considerado em Roma como a mais alta capacidade em questões internacionaes. Não havia paiz da Europa que elle não conhecesse bem; o Oriente era-lhe familiar tambem, e nas suas viagens havia estudado a *Abyssinia*, *Tripoli*, *Tunis* e *Creta*. Mostrou-se sempre o homem forte da Italia. Por occasião da crise marroquina de 1911, o governo de Roma queixou-se dos maus tratos aos italianos em *Tripoli*. Em Setembro tornam-se tensas as relações entre a Italia e a Turquia. A *Forta* re-



TROPAS INDIANAS EM MARCHA

momento em que as relações da Austria com a Italia se vão tornando cada vez mais tensas, representa um acontecimento de notavel alcance politico, e cujas consequencias é impossivel precisar.

Cumpre-nos registrar nestas columnas o fallecimento do antigo presidente da republica Argentina, o general *Julio Roca*.

Nasceu em 1843 em *Tucuman*, tendo seguido a carreira militar. Em 1879 foi



NAVIOS MERCANTES COMBOIADOS POR UM GRANDE CRUZADOR INGLEZ



convidado por *Avellaneda* para gerir a pasta da guerra; e no anno seguinte foi eleito presidente da republica pelo partido federalista. Nesse elevado cargo o presidente Roca proseguiu na conquista dos *Pampas*, dando notavel impulso ás obras publicas, mas fracassando no combate contra a especulação.

Em 1886 a presidencia foi confiada a seu cunhado *Juarez Colman*, eleito por sua intervenção. Julio Roca fez uma viagem á Europa, regressando ao seu paiz antes da insurreição de Julho de 1890, a qual teve origem nas concussões dos homens que estavam no poder. Roca negociou a submissão dos insurrectos e a retirada de Colman, acceitando depois a gestão dos negocios da guerra, que lhe foram confiados pelo presidente *Pellegrini*, e occupando a vice-presidencia da republica quando *Uriburu* era presidente. Reoccupou a presidencia em 1898, tendo enção de assignar uma convenção com o *Chile*, pela qual os dois Estados limitavam os seus armamentos. Conseguiu do rei de Inglaterra a fixação arbitral da fronteira argentino-chilena. Em 1906 o general J. Roca percorreu a Europa, visitando tambem o nosso paiz.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



## ROMANCE

M. Dellyne

# A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do n.º antecedente)

— Sinto-me fatigada moralmente.

— Mas não falta á nossa sôpa, disse a sr.<sup>a</sup> Millon que appareceu á porta, com o pequeno João pendendo em um dos braços.

— Esteja descansada que não peço historias, disse o pequeno para tambem ser amavel em alguma coisa.

Myrto tinha vontade de recusar, mas perante tão boa gente não teve coragem de dizer não.

Assentou-se á mesa das sr.<sup>as</sup> Millon. N'aquelle meio de bondade, como ella estava bem, muito melhor que na elegante mesa da casa Milcza! Myrto sentia-se melhor entre pessoas francas e leaes que no meio de gente balofa e pensando sómente em elegancias.

.....  
Alguns dias depois, um bilhete da condessa Zolanji informava Myrto que o principe Milcza acceitava que sua mãe se occupasse da filha de sua prima. Era necessario agora partir, e pensar no destino dos moveis.

Aquelles que Myrto desejava conservar, foram para casa de uma visinha, sob uma modica quantia. Os restantes foram vendidos por intermedio da sr.<sup>a</sup> Millon.

— Esteja tranquilla, disse a sr.<sup>a</sup> Millon, que as suas flôres ficarão bem tratadas.

Todos com o pequeno João acompanharam Myrto á estação, depois de estar no cemiterio a resar pela sua mãe. A po-

bre menina separava-se dos seus verdadeiros amigos que a enchiam de puros e sinceros carinhos.

— Veja se me escreve, sim? disse Albertina, chorando.

— Sim, nunca poderei esquecer como foram boas para mim.

— Tenho pena de a não ter sempre junto de nós, disse a sr.<sup>a</sup> Millon, cheia de saudades.

O comboio partiu e Myrto viu desaparecer aquella familia tão amiga.

Myrto, sentada a um canto do compartimento, pensava que uma nova existencia, cheia de incertezas, começava agora.

A familia Zalanyi, partindo somente no dia seguinte, fez com que Myrto tivesse passado alli em casa da condessa dia e meio. Myrto, do que analysára, já pensava o seguinte: que a condessa tinha-lhe uma amizade fria, Terka, uma reserva polida, Irene, uma indiferença desdenhosa e ás vezes quasi aggressiva; quanto a Mitzi, parecia modular sobre a sua irman mais velha e Renato, pensando apenas na partida, esquecia-se de quem viria substituir a sua antiga professora.

Myrto comprehendeu bem que seria moralmente isolada, uma *desterrada*, no meio d'aquella familia que a não comprehendia.

Os Zolanyi estiveram de passagem oito dias em Vienna, onde a condessa tinha algumas coisas a arranjar. O principe Milcza tinha n'esta cidade um lindo palacio.

Em Varaczy estava o principe, e Myrto notou que todos fallavam d'elle de uma forma cerimoniosa.

Por uma bella noite de maio, todos chegaram á estação mais proxima de Varaczy.

Duas carruagens esperavam. A condessa e as filhas subiram para a primeira, Myrto, Rosen, Renato e as criadas dos quartos para a segunda.

Como fosse noite, Myrto apenas gosou vagamente a linda paisagem que se estendia d'ambos os lados da grande estrada.

— Tudo isto pertence ao principe Milcza, dizia Renato apontando para as florestas cuja linha sombria enchia o horizonte. Não lhe posso mostrar tudo, senão de carruagem, verá como ha-de gostar. Ha um lago tão bonito! e o Danubio passa aqui perto, como verá. O principe Milcza possui um pequeno *yacht*, onde passeia com Karoly.

— Quem é Karoly? perguntou Myrto.

— Karoly, é seu filho.

— Ah! o principe é casado? disse ella com surpresa, pois nunca ouvira nomear nenhuma princeza Milcza.

— Não é, mas é como se o fosse, respondeu Renato.

— Que está a contar, Renato?! disse ella sorrindo-se. Quer dizer que é viuvo.

— não é, não é, disse elle com impaciencia, não comprehende, quero dizer... somos chegados finalmente, quer ver, Myrto.

As carruagens, sahindo d'uma linda avenida guarnecida por frondosas arvores, entraram n'um portão, onde globos electricos illuminavam em redor. Para lá do pateo de honra, digno d'um palacio real, elevava-se uma construcção magnifica de um severo estylo. Na frente, uma grande escadaria de pedra, com um lance para cada lado, dava um aspecto de uma venda principesca. Creados de libré, esta-

vam colocados nos degraus da escada. No primeiro vestibulo, alto como uma igreja, todo de marmore e ricas tapessarias, uma personagem toda vestida de preto, inclinou-se diante da condessa e disse pausadamente:

— Sua Ex.<sup>a</sup> o principe Milcza encarregou-me de dar as boas vindas á sr.<sup>a</sup> condessa, e informar que virá, logo que o jantar esteja terminado.

— Ah! obrigada, Vildy! Subamos já, meninas, não se demorem. Katalia, mostre o quarto destinado á menina Elyanni.

Estas palavras eram destinadas a uma mulher alta, correctamente vestida de seda preta. Myrto foi com ella até ao segundo andar, onde lhe mostrou um lindo quarto cheio de conforto, ignorado por Myrto na sua casa de Neuilly. Mas quanto melhor, ella se encontrava lá, sem todo aquelle luxo que apenas lhe revelava quanto ella era extranha no meio d'aquella familia!

Recolhendo a custo as lagrimas que lhe enchiam os olhos, poude de joelhos resar uma curta prece. Depois penteou-se e mudou de vestido. Descendo ao acaso, um creado indicou-lhe a sala de jantar, muito elegante mas cujas dimensões não se ligavam bem com a apparencia do palacio.

O jantar foi um pouco á pressa. A condessa parecia nervosa, e levantou-se sem comer a sobremesa, pois um creado veio preveni-la que o principe já estava no *salão das Princezas*.

— Vamos, meus filhos, Renato arranja o teu collarinho. Comam depressa, não quero fazer esperar o principe Milcza. Myrto, pode-se retirar ao seu quarto. Qualquer dia vos apresentarei; hoje não é necessario.

Myrto afastou-se com as crianças. No quarto pensou como tratavam o principe com tanta correcção e etiqueta, mãe com filho, irmans e irmãos... esse principe Milcza deveria ser um grande senhor!

Myrto acordou, na manhã seguinte, á hora do costume, isto é, muito cedo. Levantou-se repousada da ligeira fadiga da vespera e gosou logo o alegre sol que entrava pelas duas janellas. Abrindo uma d'ellas, poude ver os jardins do castello que se estendiam com canteiros matizados de lindas plantas. Mas nem uma só flôr! Lagos aqui e alli mostravam as suas aguas tranquilas.

— Nenhuma flôr! murmurou Myrto com tristeza.

Como sua mãe, ella gostava d'essas delicadas obras primas dadas por Deus ao homem para encanto da vista. E esses jardins sem flôres davam-lhe uma singular impressão de melancolia.

Uma creada ainda nova, vestida com o trajo nacional, trouxe-lhe o seu piqueno almoço. Depois de ter bebido o chocolate, desceu a immensa escadaria, perguntando a um creado, onde era a capella. O creado gentilmente a acompanhou, por largos corredores de marmore, até á porta de carvalho em linda talha, que elle abriu respeitadamente.

A capella tinha sido construida em época anterior ao castello, por isso apresentava um aspecto antigo. Como estivesse escura, pois recebia apenas luz d'uns vitraes, Myrto apenas viu que n'um altar um velho sacerdote de grandes barbas brancas, começava o *introito*.

(Continúa.)



## EFEMERIDES

## Tentativas de Reacção

Na madrugada de terça-feira, 21 do mês corrente, chegaram até nós boatos de que estalara em diversos pontos do país uma nova tentativa de revolução monarchica.

Só mais tarde appareceram noticias categoricas. Tratava-se de mais outra infeliz tentativa de restauração monarchica, com ramificações certamente em todo o paiz, mas que por completo abortou, como as anteriores tendo apenas sahido para a rua em Mafra e em Bragança—e ahí mesmo desordenadamente pequeno numero de realistas.

De resto, algumas linhas ferreas dynamitadas, aqui e allí postes telegraficos derribados, e nada mais. Mas tudo isso sem consequencias graves, porque as interrupções, tanto nos ca-



PONTÃO DO CARREGADO DESTRUIDO POR DINAMITE

minhos de ferro como nos telegrafos, foram immediatamente restabelecidas.

No norte, é que houve alguns attentados contra as linhas ferreas, sendo colocadas bombas de dynamite em todas as estações dos caminhos de ferro do Minho e Douro e algumas na linha do sul.

Apenas duas dessas bombas reventaram, uma na estação de Ancora, damnificando as agulhas e obrigando o comboio 42 a uma demora de algum tempo naquella estação e outra num pequeno pontão das Quebradas, proximo da Livração, damnificando um pouco a linha e detendo o comboio de Amarante.

Todos os outros attentados foram evitados a tempo, sendo retiradas das linhas as bombas que não chegaram a explodir.



CIVIS DE TORRES VEDRAS, EM BUSCA DOS REBELDES PASSANDO EM S. PEDRO DA CADEIRA



EM MAFRA, CAMPONEZES PRESOS POR TEREM TOMADO PARTE NA CONSPIRAÇÃO

## Cartas para a nossa terra

Rio, 1—9—913.

Construira-se o grande edificio internacional da paz. Os povos, cansados de lutar, embuidos do mais santo dos amores, o amor patrio, proclamaram aos quatro ventos, que jamais o sangue mancharia os campos da batalha.

A paz, o amor, que proclamara o Christo, ia ter emfim o seu reinado na terra.

As machinas da morte, que o orgulho infernal do homem inventara, estavam condemnadas a ornamentar os museus, como recordações das épocas passadas, eras de maldade e destruição.

As quilhas dos grandes cruzadores, outr'ora espumantes de raiva, estacionavam nos ancoradouros, bafejadas continuamente pelo suave e poetico remorejar das aguas!

Mas extranha antithese!... A consciencia do homem mentia mais uma vez.

Emquanto em Haya as nações congraçadas, pela voz auctorizada dos seus egregios representantes, juravam que somente a Razão e não a Força, dignaria as magnas questões, os arsenaes, quaes antros de Cyclopes, forjavam o ferro que no dia seguinte iria semear o lucto e a morte.

Não me surpreheudeu a guerra. De ha muito que ella se vinha annunciando, e a meu ver, o

attentado de Serajevo, não foi mais que um pretexto para o desenrolar dos acontecimentos.

Qual das nações conflagradas forneceu o pomo ateador da discordia?... Não sei...

Divergem as opiniões e as noticias que o telegrapho nos conduz, são tão contradictorias, tão incertas, que nos deixam na mais completa duvida.

Sou contrario a esta maneira pouco correctea de fazer historia.

Não devemos tão impunemente orientar a opinião publica, fazendo-a acreditar em factos, que a nossa mente immediatamente repelle como inacreditaveis.

A missão da imprensa, hoje, mais do que nunca, o principal factor da educação dos povos, não se deve relaxar pelo vil sentimento da ganancia, que a desvirtua e desdoura do seu nobre papel de moralisadora.

Sejamos consequentes nas nossas apreciações. Façamos critica mas salvaguardemos a justiça.

Centenas de telegramas nos chegam continuamente da Europa, portadores das noticias mais terroristas e tetricas.

Incendios, milhares de mortos, milhões de feridos, violação de direitos internacionaes, saques, tudo é estampado em grosso normando, no corpo do jornal.

A' porta das redacções as multidões extaticas deante dos mapas, contemplam o evoluir das bandeirinhas.

A' medida que os acontecimentos se vão desenvolvendo as bandeirinhas representativas dos exercitos em combate, vão avançando e recuando n'um eterno vae-vem.

A verdade quasi sempre fica anavalhada, mas a opinião publica fica satisfeita e a phantasia do jornalista sorri da ingenuidade e credence popular.

Eu tremo perante as horriveis consequencias da conflagração.

O velho mundo de tantas e tão grandes tradições passará sem duvida por uma grande reviravolta.

O vencedor não será menos digno de lastima que o vencido ao curvar a cerviz, rastejando atraz do seu carro de triumpho, porque ambos terão que chorar os seus irmãos, mortos na refrega.

Limite minhas apreciações e aguardemos pacatamente os resultados finais.

A fortuna que é cega, jogadas as ultimas cartadas, escolherá o seu eleito.

ANTONIO CRAVO.



Os povos mais apáticos para o «bem» reservam toda a sua energia para o «mal».

BRUNSWICH.



# MACAU

(Concluido do numero antecedente)

Tudo quanto haja a fazer para o resurgimento e grandeza de Macau deve ser o immediatamente. Se ha mais tempo o tivessemos feito não teriam os importantes negociantes e capitalistas chinezes pensado sequer em aniquilar Macau, dispendendo, como o estão fazendo, avultadas quantias no aproveitamento de Heong-chao como porto comercial do Sul da China.

Se continuarmos dormindo, nunca mais acordaremos»

Como seria de categorica e eficacia, que a bandeira nacional, em barcos portugueses, nos puzesse em contacto regular com aquele sólo que o denodado valor da gente lusa tornou alta e simpaticamente merecido em mais de um lance de gentileza indomita contra piratas?!

Quando cessará, entre nós, a politica de campanario para se conceder preferencia á unica, salutar e digna, — a Sciencia de Governo?!

Não me apartarei de Macau sem me referir a tres nomes notaveis na galeria dos varões famosos, — Antonio d'Albuquerque Coelho, que tomou posse como governador em 30 de maio de 1718, Miguel d'Arriaga, da familia do venerando Presidente da Republica, lá ouvidor e lá falecido, em 13 de dezembro de 1824 e João Maria Ferreira do Amaral, que governou desde 21 d'abril de 1846 até o dia 22 d'agosto de 1849, em que ocorreu o caso tão nitidamente narrado por Eduardo de Noronha n'um dos mais sugestivos capitulos do seu empolgante livro *Heroes e Martyres — A Infantaria Portuguesa*:

«Ao ultrapassar a *Porta do Cerco*, Amaral foi detido, por um grupo de chinas, d'entre os quaes se destacou um para lhe entregar um memorial, ou um ramallete de flores. Amaral estendeu o unico braço que possuia para segurar o que lhe apresentavam e foi logo assaltado por uns seis, armados, que começaram barbaramente a acutilal-o e ao cavallo que montava, segurando-o pela redea, pelos lados dos estribos, e procurando derubar o cavalleiro. Amaral não perdeu o sangue frio; largando as redeas da mão, picava de esporas para fazer saltar o cavallo, e apenas com o braço que possuia, empregando o chicote, sua unica arma, defendia-se como um leão, gritando ao mesmo tempo contra os assassinos e chamando o ajudante em seu auxilio. No entretanto este, tambem ferido por duas cutiladas, uma na parte superior da cabeça, outra nas espaduas, com o cavallo igualmente ferido, corria em desenfreado galope até Macau, onde ia lançar o terror e o desanimo com a terrivel noticia. A cobardia dos chinas planeava e mandara certamente executar aquelle crime, perpetrado junto d'um posto militar que não prestou soccorro aos assaltados, nem perseguiu os assassinos. Assim morreu João Maria Ferreira do Amaral, o valente e heroico militar, depois de uma lucta gigantesca e desesperada. Os seus restos mutilados foram mais tarde readquiridos pelas auctoridades portuguezas e enviados para o reino.»

Ferreira do Amaral havia, com rara energia, afirmado em tudo o pleno dominio português em

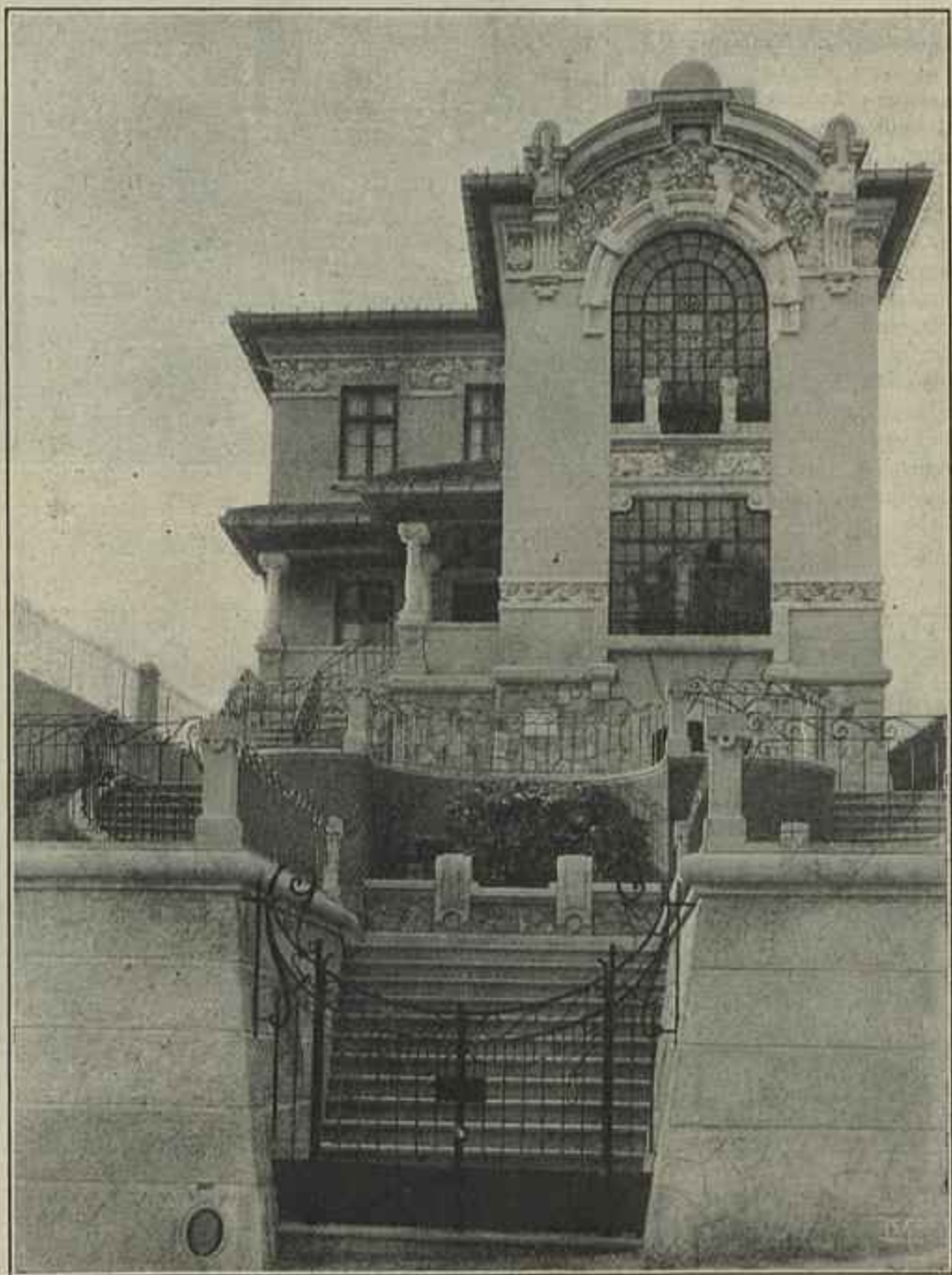
Macau e eliminado de vez o *ho-pu*, alfandega chinesa dentro do nosso territorio!

A sua morte foi vingada por um feito de audacia extraordinaria, — a tomada do forte de Passaleão, em 25 do mês aludido, levada a efeito pelo tenente Vicente Nicolau de Mesquita e mais 36 soldados, que o destruíram em uma hora, apesar das 20 peças e dos 400 homens que o defendiam e ainda de 2:000 nas proximidades!!

Antonio de Albuquerque Coelho, poderá o leitor estudioso conhecer a fundo, se se der ao agradável afazer de folhear o volume 50º da Bibliotheca de Classicos Portuguezes, de Melo de Azevedo, constituído pela *Jornada*, por João Tavares de Vellez Guerreiro, com uma carta-prefacio de J. F. Marques Pereira, natural de Macau.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

## LISBOA - MODERNA



FACHADA PRINCIPAL DA CASA DO EX.<sup>MO</sup> SR. BRAZ SIMÕES. FOI ARQUITETO RAFAEL DUARTE DE MELO



### A Blenorrhéina

Cura por completo a **BLNORRHAGIA, CORRIMENTOS, CYSTITES** e outras doenças das **VIAS URINARIAS.** \* \* \* \* \*

**DOSE: 1 comprimido de 4 em 4 horas**

\* \* \* \* \* **A' VENDA NAS PHARMACIAS** \* \* \* \* \*

Pedidos a **NETTO, NATIVIDADE & C.<sup>A</sup>** — 19, Rua do Jardim do Regedor — LISBOA

### Bacilina Lactica

(Cultura secca de bacillos lacticos). A cultura de virulencia mais intensa. Cura completamente a **Prisão de ventre, Enterites chronicas ou agudas** e outras affecções do intestino

**DOSE: 1 comprimido de 3 em 3 horas**

\* \* \* \* \* Em todas as pharmacies — Deposito para Portugal: **NETTO, NATIVIDADE & C.<sup>A</sup>** \* \* \* \* \*

**19, Rua do Jardim do Regedor — LISBOA**

Estes medicamentos são preparados sob a direcção do Sr. Dr. Cortez Pinto, ex-director do Laboratorio de Bacteriologia e Analyses do Hospital da Estrella





# Cold - Crème ALBERT Simon

Com sello VITERI

É o mais perfeito crème de TOILETTE  
BRANQUEIA, Perfuma e Amacia a PELLE

Tira CRAVOS, pontos negros, MANCHAS, vermelhidão, PANNO,  
borbulhas, SARDAS, cleiro, RUGAS, olheiras e ESPINHAS

Alisa a pelle rugosa e aspera dos joelhos e cotovellos. **Dá firmeza aos seios.** Defende a epiderme da acção do vento e da poeira. Cura e impede a assadura nas crianças e pessoas gordas. Amacia as callosidades dos pés e mãos e evita a formação de callos. Torna os pés resistentes ás longas marchas e refresca-os em seguida a estas. **Combate o cheiro acre da transpiração nos sovacos e pés.** Deve usar-se em seguida ao barbear.

POTE 300 rs. — MEIO POTE 600 rs.

Para fóra mais 75 réis para porte e registo — Fazem-se remessas contra cobrança

PEDIDOS AO DEPOSITO CENTRAL

## Cura definitiva da SIFILIS

Em todos os seus graus e manifestações

A NECTINE NALINE com selo VITERI aplicada dentro de 15 dias do contagio faz abortar a sífilis

PEDIR BROCHURA EXPLICATIVA NO DEPOSITO CENTRAL

Contra as febres d'Africa e Brazil usar as Píluas de HEBOTINE com selo VITERI, que não tem os perigos do quínino

Contra a impotencia e esterilidade o unico remedio sério e sem perigo é a

## Androgenina com selo Viteri

que tem uma percentagem de 80 % de curas. Reanima a virilidade no homem e desperta a sensibilidade na mulher. Cura restabelecendo gradualmente o funcionamento de todo o aparelho sexual. Em vez de ter perigos, é até um bom tónico estomacal e um optimo regularizador da menstruação. — Caixa 84500 réis. Meia caixa 46500 réis. — Para fóra, mais porte, registo e despesa de cobrança.

Deposito central dos preparados com selo Viteri:

Vicente Ribeiro & C.<sup>a</sup> — Sucessor João Vicente Ribeiro Junior

84, Rua dos Panqueiros, 84, 1.<sup>o</sup>, dir. — LISBOA

Endor. telegraf.: VITERI — LISBOA

TELEFONE 2455

As pessoas **fracas, palidas, anemicas, magras**, andam sempre ameaçadas d'uma **tuberculose**.  
O uso do

## Histogenol Naline com selo Viteri

lhes dará energia fisica e intelectual, côr, sangue e robustez. As pessoas **obesas, os diabeticos, velhos, convalescentes de doenças graves, crianças na epoca do desenvolvimento**, os que dispendem grande esforço em trabalhos fisicos e intellectuaes, **sports violentos**, igualmente encontrarão a saude n'este **EXTRAORDINARIO REVIGORADOR**.

**Abre o apetite fortemente.** Dá resultados mais rapidos e certos do que os que se obtem com o Histogene, os ferros, emulsões, etc. — Frasco 17700 réis. Para fóra acrescentem portes, registo e despesas de cobrança.

PEDIDOS AO DEPOSITO CENTRAL



## Tonico Amarello VITELINA

Com sello VITERI

Preparado desde 1862 pela PHARMACIA BARRETO

Suspende a queda do cabelo, promove o seu crescimento dá-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteado das senhoras. Restitue a côr primitiva aos cabelos, barba, bigode e sobrancelhas, impedindo a caivice. Perfuma agradavelmente a cabeça. Não contém enxofre. Não

o seu branqueamento. Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo, impede a mancha a roupa. Conserva os ondedos e frisados. Recomenda-se o seu uso em seguida ao barbear.

FRASCO 700 réis — Para fóra de Lisboa mais 100 réis para porte e registo

Exigir sempre o sello de garantia com a palavra VITELI

Pedidos ao DEPOSITO CENTRAL



**TONICO AMARELLO VITELINA**  
CABELLOS FORTES, ABUNDANTES, LIMPOS E SEDOSOS  
50 ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO





# Empreza das Aguas de Vidago

(FUNDADA EM 1875)



Depositos :

**LISBOA**

Avenida da Liberdade, 124

**PORTO**

**AFONSO DIAS**

66, Praça Carlos Alberto, 68

## Salão Central

Sempre fitas de maior efeito e de maior actualidade.



As melhores fitas  
animatograficas  
da actualidade

Salão da Trindade



Todas as noites as ultimas novidades.

**SALÃO**  
**OLIMPIA**

Novidades animatograficas  
Concertos pelo septimino

**Eden  
Teatro**

Empresa Luiz Galhardo  
Companhia Portuguesa  
de Opereta  
P. dos Restauradores

# Carlos Pimentel

ESPECIALISTA  
de doenças da bocca e dentes

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Dentista da Cooperativa Militar

Tratamentos especiaes para senhoras e creanças, dentes artificiaes, etc.

Desinfeção meticulosa de todo o material operatorio

HONORARIOS MODICOS

Rua Garrett, 36, 1.º (frente para a Rua Ivens)

# Confeitaria do Calhariz

DE Alfredo Sá & C.ª

2, LARGO DO CALHARIZ, 3

Telephone: Central 1242

Secção de pastelaria — Licôres nacionaes e estrangeiros — Vinhos finos e cognacs — Esmerado fabrico em todos os artigos de confeitaria — Lampreias e doces de todas as qualidades — Especialidade em CHÁ E CAFÉ.

Fornece lunchs para casamentos, baptisados e solrées

## DANS LES "FLEURS"

São os perfumes da moda

Pedir em toda a parte



## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

**Kilo 1:500 réis**



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca  
Exigir pois esta marca  
em todos os estabelecimentos

## CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## Funeraria Economica

DE

Fernando Antonio da Silva

Funeraes e trasladações de todas as classes, em Lisboa e fóra

21, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 23 — LISBOA



GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-Londres 1904

**Xarope Peitoral James**

Premiado com medalhas de ouro nas exposições: Lisboa 1888,  
Paris 1889, Belem 1893,  
Amers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.

Heralco contra todas as afeções dos orgãos respiratorios, taes como: tosse rebelde ou convulsas, ataques asmaticos, bronquites agudas ou crónicas. Legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Hygiene dos E. U. do Brazil.

À VENDA EM TODAS AS FAZENDAS

Deposito Geral: FARMACIA FRANCO, FILHOS  
PEDRO FRANCO & C.ª

Rua de Belem, 147 — LISBOA